

**PRO-
PAGANDO
N°1**

PROPAGANDO N°1

PRO-PAGANDO N°1 é uma Performance realizada entre os anos de 2015 e 2017. A partir do deslocamento diário do artista pela cidade em sua bicicleta acoplava-se placas com dizeres aberrantes em sua mochila. De modo que, todo o deslocamento do artista pelos seus afazeres diários e movimentações pela cidade eram momentos para a realização da ação. As frases adotadas operam junto a acontecimentos macropolíticos ou semióticas cotidianas que envolviam a produção do artista, produzindo pequenas interferências e disjunções por seu potencial contrastante dos modos e hábitos da cidade. Os textos eram transcritos manualmente em placas de papelão e fixados na mochila. Dentre as frases utilizadas na ação estavam **SEM TEMER, PARABÉNS GENTILEZA** e **POVO DAS ARTES**. Cada qual delas foi utilizada e gestadas a partir dos encontros com os fluxos do mundo, de modo a produzir uma provocação em certas cristalizações imagéticas.

A ação **PRO-PAGANDO N°1** busca operar criando disjunções em certas linhas capturadas do modo

de existência na dinâmica urbana. A cidade em sua estrutura operativa constrói e estabelece certos enrijecimentos dos modos de habitá-la, realizando um cerceamento não só físico, por meio de hierárquias, contratos de posses e controles dos acessos, mas também por meio de uma captura que estabelece certas normativas de pertencimento e direciona os fluxos das subjetividades habitantes desses conjuntos. Para tal inversão, utiliza-se das próprias estruturas que compõem essa megamáquina. Se embrenhando nas fissuras, nos fracassos e nos fluxos de forças dessas maquinaria urbana, para assim dobrá-las. Compreende-se nesse encontro certa heterogênesse contextual ligada a cidade de Uberlândia e o artista enquanto residente e natural da mesma. Porém compreende-se também que as maquinações dos processos de globalização e a própria interferência humana enquanto força geológica no planeta operam juntas a dimensão micropolítica de existência. Nesse enfrentamento das mega máquinas subjetivas, utilizando de seus fluxos ao passo que os curto-circuita.

A ação tem em seu programa alguns engajamentos que buscam potencializar sua difusão. Na ação persiste a imagem aberrante de uma cosmética, em

seu sentido original, de uma ética do e com o cosmos, com as matérias, com os fluxos em uma composição divergente dos modos consensuais. A bicicleta é um tipo de veículo que subleva o corpo e o trajeto em sua combustão motora. Corpo-combustível. Da sua queima se produz, em seu deslocamento, um corpo ofegante que transpira. Produz-se suor. Acopla-se a ele mochilas feitas de papelão. Papelão que se contagia com o líquido que brota da pele, fundem-se e se prologam pela cor e pela pregnância de sua dança. O olho vai em direção a seu trajeto, acoplado a mochila nas costas uma placa de papelão. Nela em tinta preta um grito. Pixo móvel em muro de pele e papel. Dessa qualidade de corpo vibrátil, extravasa-se potência e fragilidade, criando pequenas interferências em semióticas consolidadas do cotidiano.

A primeira experimentação com a ação **PROPAGANDO N°1** se deu no contexto das turbulências da política nacional ocorridas no ano de 2016. Na qual culminaram em um golpe de estado maquiado de impeachment contra a presidenta empossada Dilma Rousseff. O que conduziu ao cargo de presidente seu vice Michel Temer. Nesse contexto vinha-se aglutinando uma força coletiva com qualidades subjetivas fascistas globais,

que ao passo que capturavam as táticas dos movimentos insurgentes do início do milênio, conservavam e reforçavam, valores e estruturas ligadas às máquinas coloniais, capitalistas e cristãs. De modo que a repressão, que na contemporaneidade opera principalmente por uma violência subjetiva, podendo vir a se tornar violência física em suas linhas mais delirantes, porém que atinge seu potencial de controle pelos valores animistas de preservação. O medo generalizado que barra qualquer fluxo de fuga e distribui os quadros de fruição possíveis. Dentro desse contexto, aproveitou-se do próprio jogo de palavras que o nome do ainda pretense presidente golpista permitia para produção da primeira placa **SEM TEMER**. Para além do nome do pretensioso, vinha-se formando no contextos de ocupações insurgentes contra a onda mundial de extrema direita, um afeto corajoso, com gritos de guerra na Espanha do tipo “no tenemos miedo” (NEGRI e HARDT, 2014, pg.63). Como também no Egito, como no Brasil e com o qual Antonio Negri e Michael Hardt veem, não um enfrentamento que não teme a morte, porém um desejo pulsante pela vida que não cabe mais tal futurologia mórbida.

Desse contexto de forças macropolíticas se distribuíam toda uma nova lógica micropolítica de operação dos modos de existência, das estruturas de vizinhança e convívio. Uma batalha subjetiva em que o inimigo era construído numa figura abstrata de um outro que poderia de incorporar em qualquer acontecimento e encontro com o mundo. De modo que a realização da ação **PRO-PAGANDO N°1**, em sua semiótica aberrante, que pela presença, desloca e movimenta os modos mais consolidados aflorou situações diversas. Saudações e movimentos que indicavam uma pensamento de confluência, ofensas e investidas de veículos, que ameaçavam e convocavam a morte e o confronto em divergências delirantes de diversos graus e temas. Dos encontros que tal ação produziu, uma das mais marcantes e que caracterizou um tanto um diagnóstico subjetivo recorrente, foi a com o senhor “L”. Era próximo do meio dia, o sol a pino e o calor extremo. Como é característico do inverno do Cerrado, seco e quente. Depois de cerca de dez quilômetros pedalando nessas condições, o trecho final se aproximava. Cerca de dois quilômetros de subida íngreme, de uma ladeira que demanda uma pedalar em pé, um passo a passo vagaroso para que ela possa ser vencida.

Nesse ritmo de esforço, logo nos primeiros quinhentos metros um carro popular ultrapassa a bicicleta, mas reduz bruscamente a velocidade quando essa passagem está prestes a acontecer. Lentamente se move por mais alguns metros e para sobre a sombra de algumas árvores. Pouco tempo depois a bicicleta com as inscrições **SEM TEMER** o alcança. Já de celular em mãos, mirando o performance, pergunta se o mesmo pode posar para uma foto mostrando a placa. O performance consente e percebe que estava a ser filmado desde o início do diálogo. O assunto da macropolítica do momento é posto em pauta, o Senhor L. incita que o performance defenda alguma postura violenta contra a classe política e policial, argumento que não é endossado pelo performance e o deixa insatisfeito. Questiona então qual a leitura que o performance tinha e qual postura deveria ser tomada. A resposta que teve, pareceu enfurecer o Senhor L., que saiu acelerando seu veículo e gritando, afirmando que possuía uma “Hilux”. O que o enfureceu foi o fato de que na perspectiva do artista, a potência estava no encontro de dois sujeitos desconhecidos, cada qual trafegando em seus fluxos pela cidade, se disporem a pararem, e se colocarem a conversar sobre política no meio de uma via inclinada.

Compreende-se que nesse movimento de deslocamento diário, muitas vezes dentro da rotina de afazeres do artista, produzem certo tipo de interferência que compete aos próprios modos dos veículos publicitários do capital. Como é o caso do ritmo estabelecido e seu processo de repetição. As placas tiveram diferentes tempos de circulação. A placa **SEM TEMER** circulou de abril a dezembro do ano de 2016. A Placa **POVO DAS ARTES** foi utilizada durante todo o ano de 2017, menos no mês de abril. E a placa **PARABÉNS GENTILEZA** durante todo mês de abril de 2017, em comemoração ao aniversário do Profeta Gentileza (1917-1996). Nesse processo de repetição da ação, se produzia uma exaustão perceptiva dessa imagem aberrante no contexto urbano, que nessa operação disjuntiva com os hábitos estabelecidos não a naturalizaram, mas produziam certo indicativo da própria potência impregnada no gesto em repetição. De modo que não se fixa um signo ou uma verdade, mas põe em variação os próprios signos majoritários que os compõem. Assim se produz algumas fricções nesses consensos. Tem se um preciosismo na escolha dos jogos de palavras empregados, de modo que a operação linguística sempre

abre para diferentes entradas do leitor. Que já tem na visualidade, materialidade e no contexto do deslocamento, movimentos performáticos que compõe junto às forças textuais. Como no caso da placa **PARABÉNS GENTILEZA** que em seu contexto específico do aniversário do Profeta Gentileza, pouco reverberava, mas apresentava certa potência de fricção com os hábitos e a relações com o trânsito. Pelo fato de haver um certo tensionamento na convivência dos veículos automotores com as bicicletas, certas linhas ligadas à educação do trânsito sublevaram durante a ação. Em **PROPAGANDO N°1** a participação das pessoas com gritos em afirmação a uma variável temática de fluxos de pensamentos era comum e o corpo-texto muitas vezes culminava uma explosão de afetos daqueles atravessados pela ação. Neste sentido o corpo em performance se tornava uma espécie de alvo, atacado por injúrias verbais e algumas vezes, ameaças físicas com os próprios veículos. Desta maneira a ação também trazia notas de certo mapeamento antropológico acerca das temperaturas que a sociabilidade modulava nos períodos de realização da ação. O enrijecimento semiótico fomentado pelos movimentos macro políticos desta época, traziam um

tonos de violência iminente, na qual, para além de qualquer engajamento, o corpo em performance em amplo sentido, os corpos aberrantes, corpos-diferenças eram alvo de ataque. A Arte e a Cultura enquanto ações e políticas foram fortemente associadas a linhas revolucionárias à serem combatidas dentro de um quadro de investida fascista do período. A placa que trazia o texto **POVO DAS ARTES** foi a que mais criou tensões em sua circulação, tanto nas investidas opressoras, quanto nas subjetividades que se entendiam pertencentes a esse povo.

Durante o período de circulação de **PROPAGANDO N°1**, ao passo que a ação foi sendo realizada diversas vezes, criando dentro de uma paisagem urbana um gesto recorrente, e depois, com as variações das frases, toda uma consistência do gesto foi ganhando força, e colocando em movimento o contexto urbano, deslocando as redundâncias do trabalho, do comportamento, das vizinhanças, por efêmeros momentos, mas que atuavam em pequenas disjunções do pensamento.